

A discriminação racial em todos os espaços

Com o título **Fratura Exposta**, a revista Carta Capital de 6 de fevereiro de 2002 coloca o problema da desigualdade racial no Brasil como assunto principal.

A partir de dados revelados por estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), a revista mostra níveis preocupantes de desigualdades entre brancos e negros. Num quadro que a publicação intitula de “números vergonhosos” consta, por exemplo, que 64% dos pobres são negros e 69% dos indigentes do País são negros; a taxa de analfabetismo é três vezes maior entre os negros; o Brasil branco é 2,5 vezes mais rico que o Brasil negro.

A revista interpreta os dados como uma prova científica de que há discriminação racial no Brasil: ela se expressa claramente na forma de desigualdades raciais estatisticamente mensuráveis.

Para revelar a eficiência da discriminação, a Carta Capital recorda que “apesar de os negros (...) corresponderem, segundo o IBGE, quase à metade da população, nos lugares onde é preciso ter dinheiro ou uma boa formação educacional ou profissional para entrar, o Brasil é branco”.

Ultrapassando os limites da abordagem da Carta Capital, podemos adicionar um ingrediente a mais, indicando um quadro perverso. Em seu livro *As Prisões da Miséria*, publicado, no Brasil, em 2001, Loic Wacquant indica “o recorte da hierarquia de classes e da estratificação etnoracial e a *discriminação baseada na cor*, endêmica nas burocracias policial e judiciária. Sabe-se, por exemplo, que em São Paulo, como nas outras grandes cidades, os indiciados de cor “se beneficiam” de uma vigilância particular por parte da polícia, têm mais

dificuldade de acesso à ajuda jurídica e, por um crime igual, são punidos com penas mais pesadas que seus comparsas brancos”.

Se, no mundo dos apenados, a discriminação racial se manifesta de modo perverso, no universo das grandes festas é também possível constatar as distâncias entre brancos e negros. Um exemplo disso está no carnaval de Salvador. Aliás, está cada vez mais impróprio empregar o singular para falar desse fenômeno. Há carnavais distintos em Salvador. Entre as muitas distinções, uma que é mais facilmente identificável é aquela que separa os pagantes dos grandes blocos e os que ficam fora das cordas. É uma configuração que faz lembrar uma antiga canção de carnaval que diz “quem pode, pode. Quem não pode se sacode”.

Trazendo para o clima do carnaval atual de Salvador, o poder está relacionado com a capacidade de compra que, por sua vez, está mais concentrada junto aos brancos. Além disso, de acordo com algumas denúncias, há procedimentos realizados pelos blocos que inibem a participação de negros, mesmo quando estes têm condições de pagar. O resultado, em termos de imagem coletada pela mídia, especialmente pela televisão, é uma festa de gente branca, saudável, jovem e feliz que, “espontaneamente” realiza movimentos idênticos diante dos flashes. Essa imagem é aliada a pequenas falas concedidas por personagens reconhecidos que, do alto dos trios elétricos ou dos camarotes, de modo entusiasmado, dizem experimentar o sabor da miscigenação, do sincretismo e de outras misturas sociais, culturais, econômicas dignas de um mundo encantado.